



DIÁRIO

República Federativa do Brasil DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XLII — Nº 11

SEXTA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 1987

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

**1 — ATA DA 12ª SESSÃO CONJUNTA,
EM 28 DE MAIO DE 1987**

1.1 — ABERTURA

1.2 — FINALIDADE DA SESSÃO

Homenagem à memória do Senador Teotônio Vilela

1.2.1 — Oradores

DEPUTADA ROSE DE FREITAS

SENADOR DIVALDO SURUAGY

SENADOR TEOTÔNIO VILELA FILHO

1.2.2 — Fala da Presidência

Associando-se às homenagens tributadas ao Senador Teotônio Vilela.

1.3 — ENCERRAMENTO

Ata da 12ª Sessão Conjunta, em 28 de maio de 1987

1ª Sessão Legislativa Ordinária, da 48ª Legislatura

Presidência do Sr. Humberto Lucena

**ÀS 10 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS
SRS. SENADORES:**

Mário Maia — Aluizio Bezerra — Nabor Júnior — Leopoldo Peres — Fábio Lucena — Odacir Soares — João Menezes — Almir Gabriel — Jarbas Passarinho — Alexandre Costa — Edison Lobo — João Lobo — Chagas Rodrigues — Hugo Napoleão — Virgílio Távora — Cid Sabóia de Carvalho — Mauro Benevides — Carlos Alberto — José Agripino — Lavoisier Maia — Marcondes Gadelha — Humberto Lucena — Marco Maciel — Antônio Farias — Mansueto de Lavor — Guilherme Palmeira — Divaldo Suruagy — Teotônio Vilela Filho — Albano Franco — Francisco Rollemberg — Lourival Baptista — Luiz Viana — Jutahy Magalhães — Ruy Bacelar — José Ignácio Ferreira — Gerson Carnata — João Calmon — Jamil Haddad — Ronan Tito — Severo Gomes

— Fernando Henrique Cardoso — Mário Covas — Iram Saraiva — Irapuam Costa Júnior — Pompeu de Souza — Maurício Corrêa — Meira Filho — Roberto Campos — Lourenberg Nunes Rocha — Márcio Lacerda — Rachid Saldanha Derzi — Wilson Martins — Leite Chaves — Afonso Camargo — José Richa — Ivan Bonato — Dirceu Carneiro — Nelson Wedekin — Carlos Chiarelli — José Paulo Bisoi — José Fogaça.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Alécio Dias — PFL; Geraldo Fleming — PMDB; José Melo — PMDB; Maria Lúcia — PMDB; Narciso Mendes — PDS; Osmir Lima — PMDB; Rubem Branquinho — PMDB.

Amazonas

Bernardo Cabral — PMDB; Beth Azize — PSB; Carrel Benevides — PMDB; Eunice Michiles — PFL; José Dutra — PMDB; José Fernandes — PDT; Sadie Hauache — PFL

Rondônia

Arnaldo Martins — PMDB; Assis Canuto — PFL; Francisco Sales — PMDB; José Guedes — PMDB; José Viana — PMDB; Raquel Cândido — PFL; Rita Furtado — PFL

Pará

Ademir Andrade — PMDB; Aloysio Chaves — PFL; Arnílcar Moreira — PMDB; Arnaldo Moraes — PMDB; Asdrubal Bentes — PMDB; Benedicto

EXPEDIENTE

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Semestral	Cz\$ 264,00
Despesa c/ postagem	Cz\$ 66,00
(Via Terrestre)	330,00
TOTAL	
Exemplar Avulso	Cz\$ 2,00

Tiragem: 2.200 exemplares.

PASSOS PÓRTO

Diretor-Geral do Senado Federal

AGACIEL DA SILVA MAIA

Diretor Executivo

LUIZ CARLOS DE BASTOS

Diretor Administrativo

JOSECLER GOMES MOREIRA

Diretor Industrial

LINDOMAR PEREIRA DA SILVA

Diretor Adjunto

Monteiro — PMDB; Carlos Vinagre — PMDB; Dionísio Hage — PFL; Domingos Juvenil — PMDB; Eliel Rodrigues — PMDB; Fausto Fernandes — PMDB; Gabriel Guerreiro — PMDB; Gerson Peres — PDS; Jorge Arbage — PDS; Manoel Ribeiro — PMDB; Paulo Roberto — PMDB.

Maranhão

Albérico Filho — PMDB; Antônio Gaspar — PMDB; Cid Carvalho — PMDB; Costa Ferreira — PFL; Davi Alves Silva — PDS; Eliézer Moreira — PFL; Enoc Vieira — PFL; Francisco Coelho — PFL; Haroldo Sabóia — PMDB; Jayme Santana — PFL; Joaquim Haickel — PMDB; José Carlos Sabóia — PMDB; José Teixeira — PFL; Vieira da Silva — PDS; Wagner Lago — PMDB.

Piauí

Átila Lira — PFL; Felipe Mendes — PDS; Heráclito Fortes — PMDB; Jesualdo Cavalcanti — PFL; Jesus Tajra — PFL; José Luiz Maia — PDS; Myrian Portella — PDS; Paes Landim — PFL; Paulo Silva — PMDB.

Ceará

Aécio de Borba — PDS; Carlos Benevides — PMDB; Carlos Virgílio — PDS; César Cals Neto — PDS; Etevaldo Nogueira — PFL Expedito Machado — PMDB; Firmino de Castro — PMDB; Furado Leite — PFL; Gidel Dantas — PMDB; José Lins — PFL; Lúcio Alcântara — PFL; Luiz Marques — PFL; Mauro Sampaio — PMDB; Moema São Thiago — PDT; Moyses Pimentel — PMDB; Os-mundo Rebouças — PMDB; Paes de Andrade — PMDB; Raimundo Bezerra — PMDB; Ubiratan Aguiar — PMDB.

Rio Grande do Norte

Antônio Câmara — PMDB; Flávio Rocha — PFL; Henrique Eduardo Alves — PMDB; Iberê Ferreira — PFL; Ismael Wanderley — PMDB; Jessé Freire — PFL; Vingit Rosado — PMDB; Wilma Maia — PDS.

Paraíba

Agassiz Almeida — PMDB; Aluizio Campos — PMDB; Antônio Mariz — PMDB; Edme Tavares

— PFL; Evaldo Gonçalves — PFL; João Agripino — PMDB; João da Mata — PFL; Lucia Braga — PFL.

Pernambuco

Cristina Tavares — PMDB; Egidio Ferreira Lima — PMDB; Fernando Lyra — PMDB; Geraldo Melo — PMDB; Gilson Machado — PFL; Gonzaga Patriota — PMDB; Harian Gadelha — PMDB; Inocência Oliveira — PFL; José Carlos Vasconcelos — PMDB; José Jorge — PFL; José Mendonça Bezerra — PFL; José Moura — PFL; José Tinoco — PFL; Luiz Freire — PMDB; Maurílio Ferreira Lima — PMDB; Nilson Gibson — PMDB; Osvaldo Coelho — PFL; Osvaldo Lima Filho — PMDB; Paulo Marques — PFL; Ricardo Fiuza — PFL; Roberto Freire — PCB; Salatiel Carvalho — PFL; Wilson Campos — PMDB.

Alagoas

Albérico Cordeiro — PFL; Antônio Ferreira — PFL; Eduardo Bonfim — PC do B; José Costa — PMDB; José Thornaz Nonô — PFL; Renan Calheiros — PMDB; Roberto Torres — PTB; Vinícius Cansação — PFL.

Sergipe

Acival Gomes — PMDB; Antonio Carlos Franco — PMDB; Bosco França — PMDB; Cleonânio Fonseca — PFL; Djenal Gonçalves — PMDB; João Machado Rollemberg — PFL; José Queiroz — PFL; Messias Góis — PFL.

Bahia

Ângelo Magalhães — PFL; Benito Gama — PFL; Carlos Sant'Anna — PMDB; Celso Dourado — PMDB; Domingos Leonelli — PMDB; Eraldo Tinoco — PFL; Fernando Gomes — PMDB; Fernando Santana — PCB; França Teixeira — PMDB; Francisco Benjamin — PFL; Francisco Pinto — PMDB; Genebaldo Correia — PMDB; Haroldo Lima — PC do B; Jairo Azi — PFL; Jairo Carneiro — PFL; João Alves — PFL; Jonival Lucas — PFL; Jorge Hage — PMDB; Jorge Vianna — PMDB; José Lourenço — PFL; Leur Lomanto — PFL; Lídice da Mata — PC do B; Luiz Eduardo — PFL; Manoel Castro — PFL; Marcelo Cordeiro — PMDB; Mário Lima — PMDB; Milton Barbosa —

PMDB; Prisco Viana — PMDB; Raul Ferraz — PMDB; Sérgio Brito — PFL; Ulidurico Pinto — PMDB; Virgildásio de Senna — PMDB; Waldeck Omélas — PFL.

Espírito Santo

Hélio Manhães — PMDB; Lezio Sathler — PMDB; Nelson Aguiar — PMDB; Nyder Barbosa — PMDB; Rita Camata — PMDB; Rose de Freitas — PMDB; Stélio Dias — PFL; Vasco Alves — PMDB.

Rio de Janeiro

Adolpho Oliveira — PL; Aloysio Teixeira — PMDB; Amaral Netto — PDS; Anna Maria Rattes — PMDB; Arolde de Oliveira — PFL; Artur da Távola — PMDB; Benedita da Silva — PT; Bocayuva Cunha — PDT; Brandão Monteiro — PDT; Carlos Alberto Caó — PDT; Daso Coimbra — PMDB; Denisar Ameiro — PMDB; Edésio Frias — PDT; Edmilson Valentim — PC do B; Fábio Raunheitti — PTB; Feres Nader — PDT; Flavio Palmier da Veiga — PMDB; Gustavo de Faria — PMDB; José Carlos Coutinho — PL; José Luiz de Sá — PL; José Maurício — PDT; Juarez Antunes — PDT; Luiz Salomão — PDT; Lysâneas Maciel — PDT; Márcio Braga — PMDB; Messias Soares — PMDB; Miro Teixeira — PMDB; Oswaldo Almeida — PL; Paulo Ramos — PMDB; Roberto Augusto — PTB; Sandra Cavalcanti — PFL; Simão Sessim — PFL; Sotero Cunha — PDC; Vivaldo Barbosa — PDT; Vladimir Palmeira — PT.

Minas Gerais

Aécio Neves — PMDB; Aloísio Vasconcelos — PMDB; Álvaro Antônio — PMDB; Alysson Paulinelli — PFL; Bonifácio de Andrada — PDS; Carlos Cotta — PMDB; Carlos Mosconi — PMDB; Célio de Castro — PMDB; Chico Humberto — PDT; Christóvam Chiaradia — PFL; Dáilton Canabrava — PMDB; Gil César — PMDB; Hélio Costa — PMDB; Hornero Santos — PFL; Humberto Souto — PFL; Israel Pinheiro — PMDB; João Paulo — PT; José Elias Murad — PTB; José Geraldo — PMDB; José Mendonça de Moraes — PMDB; José Santana de Vasconcelos — PFL; José Ulisses de Oliveira — PMDB; Lael Varella — PFL; Leopoldo Bessone — PMDB; Luiz Alberto Rodrigues — PMDB; Mário Assad — PFL; Mário de Oliveira

— PMDB; Maurício Pádua — PMDB; Mauro Campos — PMDB; Mello Reis — PDS; Milton Reis — PMDB; Octávio Elísio — PMDB; Oscar Corrêa — PFL; Paulo Almada — PMDB; Paulo Delgado — PT; Pimenta da Veiga — PMDB; Raimundo Rezende — PMDB; Roberto Vital — PMDB; Ronaro Corrêa — PFL; Rosa Prata — PMDB; Sérgio Naya — PMDB; Sérgio Werneck — PMDB; Sívio Abreu — PMDB; Virgílio Galassi — PDS; Virgílio Guimarães — PT; Ziza Valadares — PMDB.

São Paulo

Adhemar de Barros Filho — PDT; Afif Dominigos — PL; Agripino de Oliveira Filho — PFL; Aírton Sandoval — PMDB; Antônio Perosa — PMDB; Antônio Salim Curiati — PDS; Arnaldo Faria de Sá — PTB; Arnold Fioravante — PDS; Caio Pompeu — PMDB; Cardoso Alves — PMDB; Cunha Bueno — PDS; Del Bosco Amaral — PMDB; Doretto Camparari — PMDB; Eduardo Jorge — PT; Fábio Feldmann — PMDB; Farabulini Júnior — PTB; Fausto Rocha — PFL; Fernando Gasparian — PMDB; Florestan Fernandes — PT; Francisco Amaral — PMDB; Francisco Rossi — PTB; Gastone Righi — PTB; Geraldo Alckmin — PMDB; Gerson Marcondes — PMDB; Gumercindo Milhomem — PT; Hélio Rosas — PMDB; Irma Passoni — PT; João Cunha — PMDB; João Hermann Neto — PMDB; Joaquim Bevilacqua — PTB; José Camargo — PFL; José Carlos Grecco — PMDB; José Egreja — PTB; José Genoino — PT; José Maria Eymael — PDC; José Serra — PMDB; Koyu Iha — PMDB; Luis Gushiken — PT; Luis Inácio Lula da Silva — PT; Manoel Moreira — PMDB; Mendes Botelho — PTB; Michel Temer — PMDB; Nelson Seixas — PDT; Paulo Zarzur — PMDB; Plínio Arruda Sampaio — PT; Ralph Biasi — PMDB; Ricardo Izar — PFL; Roberto Rollemberg — PMDB; Robson Marinho — PMDB; Samir Achôa — PMDB; Sólton Borges dos Reis — PTB; Theodoro Mendes — PMDB; Ulysses Guimarães — PMDB.

Goiás

Aldo Arantes — PC do B; Antonio de Jesus — PMDB; Délio Braz — PMDB; Fernando Cunha — PMDB; Jalles Fontoura — PFL; João Natal — PMDB; José Freire — PMDB; Lúcia Vânia — PMDB; Luiz Soyer — PMDB; Maguito Vilela — PMDB; Mauro Miranda — PMDB; Naphtali Alves — PMDB; Nion Albemaz — PMDB; Paulo Roberto Cunha — PDC; Pedro Canedo — PFL; Roberto Balestra — PDC; Siqueira Campos — PDC.

Distrito Federal

Augusto Carvalho — PCB; Francisco Cameiro — PMDB; Geraldo Campos — PMDB; Jofran Frejat — PFL; Márcia Kubitschek — PMDB; Maria de Lourdes Abadia — PFL; Sigmaringa Seixas — PMDB; Valmir Campelo — PFL.

Mato Grosso

Antero de Barros — PMDB; Joaquim Sucena — PMDB; Jonas Pinheiro — PFL; Júlio Campos — PFL; Osvaldo Sobrinho — PMDB; Percival Muniz — PMDB; Rodrigues Palma — PMDB; Ubiratan Spinelli — PDS.

Mato Grosso do Sul

Gandi Jamil — PFL; Ivo Cersósimo — PMDB; José Elias — PTB; Levy Dias — PFL; Plínio Martins — PMDB; Ruben Figueiró — PMDB; Saulo Queiróz — PFL; Valter Pereira — PMDB.

Paraná

Aírton Cordeiro — PDT; Alcení Guerra — PFL; Antônio Ueno — PFL; Basílio Villani — PMDB; Darcy Deitos — PMDB; Euclides Scalco — PMDB; Hélio Duque — PMDB; Jacy Scanagatta — PFL; José Tavares — PMDB; Matheus Iensen — PMDB; Mattos Leão — PMDB; Maurício Fruet — PMDB; Maurício Nasser — PMDB; Nelson Friedrich — PMDB; Nilso Sguarezi — PMDB; Osvaldo Macedo — PMDB; Paulo Pimentel — PFL; Renato Bernardi — PMDB; Renato Johnson — PMDB; Sérgio Spada — PMDB; Tadeu França — PMDB; Waldyr Pugliesi — PMDB.

Santa Catarina

Alexandre Puzyna — PMDB; Antoniocarlos Konder Reis — PDS; Arterio Werner — PDS; Cláudio Ávila — PFL; Eduardo Moreira — PMDB; Francisco Küster — PMDB; Henrique Córdova — PDS; Ivo Vanderlinde — PMDB; Luiz Henrique — PMDB; Orlando Pacheco — PFL; Paulo Macarini — PMDB; Renato Vianna — PMDB; Ruberval Pilotto — PDS; Wilson Souza — PMDB; Walmor de Luca — PMDB.

Rio Grande do Sul

Adroaldo Streck — PDT; Adylson Motta — PDS; Amaury Müller — PDT; Antônio Brito — PMDB; Arnaldo Prieto — PFL; Carlos Cardinal — PDT; Darcy Pozza — PDS; Erico Pegoraro — PFL; Floriceno Paixão — PDT; Hermes Zaneti — PMDB; Hilário Braun — PMDB; Ibsen Pinheiro — PMDB; Irája Rodrigues — PMDB; Ivo Lech — PMDB; Ivo Mainardi — PMDB; João de Deus Antunes — PDT; Jorge Ueque — PMDB; Júlio Costamilan — PMDB; Lélcio Souza — PMDB; Luís Roberto Ponte — PMDB; Mendes Ribeiro — PMDB; Nelson Jobim — PMDB; Olívio Dutra — PT; Osvaldo Bender — PDS; Paulo Mincarone — PMDB; Paulo Paim — PT; Rospide Netto — PMDB; Ruy Nedel — PMDB; Vicente Bogo — PMDB; Victor Faccioni — PDS.

Amapá

Annibal Barcellos — PFL; Eraldo Trindade — PFL; Geovani Borges — PFL; Raquel Capiberibe — PMDB.

Roraima

Chagas Duarte — PFL; Marlúce Pinto — PTB; Mozarildo Cavalcanti — PFL; Ottomar Pinto — PTB.

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Declaro aberta a sessão que, atendendo a requerimento da Sr. Deputada Rose de Freitas, destina-se a homenagear, solenemente, a memória do Senador Teotônio Vilela.

Convido S. Ex.º Sr. Dr. Luiz Rafael Mayer, Presidente do Supremo Tribunal Federal, a integrar a Mesa.

(O Sr. Ministro dirige-se à Mesa, indo ocupar o lugar que lhe está reservado.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Concedo a palavra à nobre Deputada Rose de Freitas, que falará em nome da Câmara dos Deputados.

A SRA. ROSE DE FREITAS (PMDB — ES. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Sr. e Srs. Constituintes, Srs. Ministros, demais autoridades:

A melhor homenagem que podemos prestar à memória de Teotônio Vilela, neste mesmo anfiteatro, onde mais de uma vez defendeu a redemocratização do Brasil, como um dos primeiros após-tolos desta Assembléia Nacional Constituinte, é entregar, ainda este ano, ao povo brasileiro, uma Constituição que traduza os seus ideais republicanos e representativos, que conduza a Nação a voltar as vistas e o coração para todos que padecem a verdadeira fome e aquela sede de justiça de que falam os Evangelhos, livro de cabeceira desse brasileiro inesquecível, que via nos pobres aquela humanidade discriminada, que sofre mais do que todas as minorias somadas, nesta nossa Nação subdesenvolvida, mas ciosa da sua soberania e da autodeterminação do seu povo.

Nos fins do seu mandato senatorial, lançava à publicação o seu **Projeto Emergência**, advertindo, na parte introdutória:

“O Brasil vive uma crise social, econômica e política de enormes proporções. O Governo, que implementou durante quase duas décadas uma política de desnacionalização da nossa economia, está distante da Nação. Por isso mesmo, sua ação tem gerado problemas e não soluções para a sociedade brasileira. É hora de todas as forças vivas da Nação se mobilizarem organizadamente na busca de soluções urgentes.”

Depois de citar a ampliação dos pontos que precisam ser preservados — a soberania nacional, a dignidade do ser humano e as riquezas do País —, criticando o sistema vigente por subordinar os interesses nacionais aos do capital transnacional, salientava Teotônio Vilela que a sociedade brasileira tem quatro débitos a enfrentar um conjunto: em primeiro lugar, a dívida externa, tecnicamente insanável; em segundo lugar, a dívida interna, que abrange um crédito de um quarto da dívida externa, com um ritmo crescente de elevação; em terceiro lugar, a dívida social, que infelicitava oitenta por cento da nossa população, incluídos setores da classe média, o operariado, os desempregados e subempregados urbanos e rurais, somando mais de “dez milhões de flagelados do Nordeste e dezenas de milhões de menores abandonados nas cidades”.

Essa visão apocalíptica desse demiurgo da democracia tinha assento na realidade objetiva das estatísticas.

"A maioria absoluta da população do País — dizia Teotônio Vilela no **Projeto Emergência** — não tem acesso a um emprego estável, não tem garantia de manutenção de seu salário real, não tem condições mínimas de saúde (como saneamento básico, assistência médica), não tem acesso à educação, não tem acesso à terra, não conta com um sistema habitacional voltado para suas reais necessidades.

Por fim, a sociedade brasileira enfrenta a dívida política que atinge, hoje, toda população brasileira. As questões de participação e da democracia buscam, ainda, respostas concretas. Não se decide sobre questões cruciais. A cidadania plena é ainda um direito a ser adquirido, persistindo o elitismo que marginaliza a população."

A realidade nacional, agora, quatro anos depois demonstra que marchamos muito pouco, na conquista dos ideais sustentados por Teotônio Vilela: cresceu a dívida externa, aumentou tanto a dívida externa como o débito social, enquanto as multinacionais continuam firmemente assentadas em importantes setores da nossa economia, desde a informática à indústria farmacêutica, sustentando, no seio da Constituinte, **lobbies** indissolúveis e dividindo com os donos dos juros a presa desangrada de uma nação quase indefesa.

Naquele pequeno volume, rigorosamente uma plaqueta, em que cada palavra vale um artigo de lei, o nosso inesquecível Senador lembrava que a dívida externa brasileira, de três bilhões e quatrocentos milhões de dólares em 1961, calra para três bilhões e cem milhões de dólares em fins de 1963.

Veio a famigerada "revolução salvadora" e, dez anos depois, ela se elevava a doze bilhões e seiscentos milhões de dólares, duplicando, novamente, no decênio seguinte.

Isso quer dizer que, se o regime militar chegasse a 1994, Srs. Constituintes estaríamos devendo, às vésperas do novo século, mais de um trilhão e duzentos bilhões de dólares.

Sabemos que a dívida não baixou, como reconheceremos, por igual, que as melhores inspirações do Plano Cruzado, desabaram seis meses depois.

Porque a política econômica instalada no País, em 1964, depois da contração do "milagre brasileiro", de 1967 a 1983 implicou a abertura desmesurada para o capital estrangeiro, cujo custo estamos, agora, como previa Teotônio, pagando com sangue, suor e lágrimas.

Pedia o nosso apóstolo político medidas que limitassem o endividamento externo, transnacionalizadas as nossas relações comerciais e financeiras.

Os sucessivos choques do petróleo, a partir de 1974, agravaram a dívida externa, levando o Brasil a render-se ao FMI em 1982, o que leva Teotônio Vilela ao seguinte comentário:

"Note-se que parte significativa da dívida externa brasileira formou-se em decorrência da tomada de novos empréstimos para pagar o serviço — amortização e encargos — da dívida anterior. Na verdade, podemos afirmar que não houve uma real transferência de riqueza para o Brasil, e isso não pode ser esquecido quando se cogita do pagamento da dívida."

Mas o cambativo político alagoano também demonstra, no Projeto Emergência, quem se beneficiou com esses empréstimos: em parte os produtores de bens e serviços, as grandes empresas agrícolas e, finalmente, os grandes conglomerados bancários internacionais.

Esse setor financeiro privado, servindo de intermediário ao processo de endividamento, foi o maior beneficiário do crescimento da dívida externa, tomando-se o mais vigoroso poder econômico-financeiro do País, cada dia mais insaciável na sua fome de juros.

Que diria, hoje, Teotônio Vilela, se visse rejeitado, numa Subcomissão da Constituinte, um artigo, limitando em doze por cento ao ano, os juros bancários?

Mas episódios semelhantes a esse, que levam às Comissões anteprojetos retrógrados, reacionários ou simplesmente conservadores, serão esquecidos quando, neste agosto Plenário, a maioria consagra novas conquistas sociais, maior preocupação com a infância e a velhice, os direitos e deveres de marido e mulher judiciosamente partilhados, a devolução ao Congresso Nacional dos seus legítimos poderes, a eliminação dos decretos-leis e da aprovação de projetos por decurso de prazo, impondo-se novos instrumentos para fortalecimento do Judiciário e a maior fiscalização do desempenho do Poder Executivo.

Os outros ideais de Teotônio Vilela serão conquistados, paulatinamente, com a redução do déficit público, com a revisão da Lei Salarial, com a obtenção de superávit na balança comercial, graças, principalmente, ao incremento da produção agrária, à modernização do parque industrial e à confiança do povo na Constituição que estamos elaborando, para modernização de nossas instituições políticas, econômicas e financeiras.

O nosso posicionamento, relativamente ao Fundo Monetário Internacional, no atual Governo, seria aprovado por aquele apóstolo da democracia, na sua visão condoreira, nas suas premonições corajosas, no seu desejo de colocar este País no posto que merece, na comunidade internacional.

Mas a obra governamental, precisa ser completada, atendido o desejo do nosso homenageado, quando dizia:

"Impõe-se a decisão corajosa e soberana de condicionar o pagamento do serviço da dívida externa ao volume de recursos disponíveis na economia brasileira, sem prejuízo da continuidade do nosso processo de desenvolvimento e sem impor sacrifícios desproporcionais à classe trabalhadora e ao povo brasileiro.

Para tanto, é necessário um período de carência de, no mínimo, dois anos de todos os pagamentos ao exterior. A partir de então, se iniciaria a liquidação da dívida em prazo compatível com a efetiva disponibilidade de recursos. Tal decisão corajosa e soberana, constitui a declaração de moratória a ser realizada pelo Governo, com o respaldo da Nação e precedida de articulação política a nível internacional, com os países que possam manter o fluxo das importações indispensáveis ao funcionamento de nossa economia. Nessa linha, deverão ser buscados entendimentos e acordos bilaterais com os países

árabes, africanos, latino-americanos e do Leste Europeu."

Srs e Srs. Constituintes, essa era uma visão de estadista. Um estadista que sabia expor claramente suas idéias e por isso arrastava multidões, nas capitais brasileiras, arrancando aplausos no Plenário do Senado Federal.

Pregando o fortalecimento da infra-estrutura física e social, para a geração de novos empregos e o incremento da produção, condicionava a obtenção desses objetivos a uma política prioritária de valorização salarial, à garantia de estabilidade no emprego, à absorção da mão-de-obra ociosa e à plena utilização do nosso parque industrial.

Se quisermos destacar, entre as lesões de Teotônio Vilela, de cunho econômico, a que mais movia sua atenção e despertava o seu interesse, vamos encontrá-la num nacionalismo que não se podia confundir com a xenofobia, pois representava a defesa dos interesses do País, de sua autodeterminação política e da sua independência econômica, diante das forças conjugadas do capitalismo internacional.

Se ele estivesse neste Plenário, Sr. Presidente, Sras e Srs. Constituintes, decerto censuraria com veemência algumas decisões tomadas pelas Subcomissões que hoje integram a Comissão da Ordem Econômica, onde se permite a exploração do subsolo na propriedade indígena sem o assentimento da FUNAI, mediante lei ordinária; onde se abrem as portas às multinacionais, sem uma distinção precisa das empresas nacionais; onde a reforma agrária foi reduzida a dois artigos inócuos.

Cabe-nos, entretanto, honrando a sua memória, rejeitar essas proposições entreguistas, em nome da própria soberania nacional e em defesa dos interesses econômicos do País, da sua segurança e da sua autodeterminação.

Entretanto, vale salientar que ele queria uma lei salarial justa e, nesse sentido, a Subcomissão competente votou a estabilidade no emprego, acrescentando um ganho à causa do trabalhador.

Sua pregação no sentido da verdadeira aplicação do Estatuto da Terra, com a desapropriação do latifúndio improdutivo, precisa encontrar, na Carta Magna futura, melhor definição e maior conteúdo, para benefício de mais de seis milhões de famílias ou cerca de trinta milhões de pessoas.

Entretanto, novas reformas na Lei de Segurança Nacional, na Lei de Imprensa, na legislação eleitoral, na Consolidação das leis do Trabalho, aprovadas no próximo ano, completarão o elenco de providências capazes de atender, no campo, político e institucional, à pregação do inesquecível companheiro Teotônio Vilela.

Estamos, nesta Casa, dando o primeiro passo para saldar a dívida dos políticos para com aquele companheiro que, antes de morrer, foi consagrado como uma das figuras mais eminentes da sua geração.

Dizia ele:

"Existe um campo enorme de trabalho, para sairmos da crise em que nos encontramos. Será preciso coragem para este primeiro passo, que é o Projeto de Emergência. Será preciso confiança em nosso futuro. Será preciso reconhecer a nossa Nação e a prioridade das necessidades e dos direitos brasileiros.

Mas tudo isso será possível na medida em que a sociedade — através de seus partidos, de suas organizações, de suas entidades representativas — esteja consciente e atue no sentido de exigir um programa de ações que restaure a soberania da Nação e a dignidade dos seres humanos."

Por isso mesmo, Sr. Presidente, Sr^a, Srs. Constituintes, sinto vivamente a honra que me é deferida, de trazer a homenagem do Congresso Nacional àquele que fez de sua vida um hino permanente de louvor à justiça, à paz e à liberdade.

De fato, ele constituiu um dos raros exemplos de um político que pôde desligar-se de sua origem partidária sem perder a dignidade que distingue o tráfuga, do apóstata, o oportunista, do idealista que a tudo enfrenta, sem medo da sua conversão; o desertor, do dissidente intemerato e intemorato, que não se arreceia das incompreensões e troca o cimo do poder pela planície do desafio aos poderosos.

Sinto igualmente o peso da responsabilidade, ao fazer o elogio de um dos nomes tutelares de nossa vida republicana, elogio que não pode tolhar-se pelo exagero, que o desfigura, nem apenar-se pelo receio de parecer mero exercício de louvaminha.

Depois de participar de um movimento que para ele representava fonte de grandes esperanças e de não menores ilusões, Teotônio Vilela sofreu as enormes frustrações de quem se vê traído nos seus nobres propósitos, pela desfiguração de suas crenças mais caras. Não se entregou, porém, desalento. Ao contrário, sacudiu a poeira das sandálias, como fazem os muçulmanos, e penetrou no templo do devotamento à causa do homem, do humanista que sempre foi, atraído para a política pelos postulados da doutrina social da Igreja. Ferido na sua alma, cansado de esperar pela Justiça que tanto confiou viesse daqueles a quem apoiou, transfigurou-se no combatente ardoso que, de súbito, apanha a lança caída no chão, ergue-a alto e reto, e sai como um novo Bayard, "o cavaleiro sem medo e sem mancha" a desejar contra as fortalezas da intolerância e da prepotência. Os riscos, deles não se amedrontava; as ofensas, delas fazia a matéria-prima com que fabricava o seu elmo, agigantando-se na luta. Da crítica contundente, ainda que vazada na linguagem escoreita que lhe ensinou a feitura dos clássicos, autodita que foi, passou à ação. Firme. Indomável. Irredutível. Num último, passou da tribuna parlamentar, onde brilhou como poucos, para a tribuna popular, onde ninguém o excedeu, no zelo para com os oprimidos, no apoio e na solidariedade plena de perigos aos presos políticos. Forçou a entrada nos cárceres, à simples força moral que inspirava a sua figura mais inspirada em Dom Quixote que de um demolidor de adversários. Levou a palavra de consolo, do mesmo modo que verberou, queimando como ferro em brasa, a violência que contra os perseguidos se praticava à sombra do poder e em nome da lei e da ordem.

Infatigável, percorreu todos os caminhos sujeito às intepéries. Fez acontecer; não esperou que acontecesse. Não se acomodou um só instante. Criticou. Clamou pela liberdade. Gritou a plenos pulmões pela Justiça. E quando estava no auge de sua luta gloriosa, eis que sobre ele se abateu

o duro golpe da doença fatal. Longe de desanimar e de lastimar-se, redobrou seus esforços de doador permanentemente engajado na causa nobre. Enquanto teve um só sopro de vida, ergueu-se, apontou suas mãos de longos dedos esguios para o céu, pôs em riste o indicador acusando os que não tinham sensibilidade para compreender que o Brasil não podia ser dividido entre os que se acolham, se acovardam e batem palmas, e aqueles que marcam o itinerário de suas lutas pelo amor às causas em que creem e pelas quais vivem. Sonhava com um País unificado, em que a paz não fosse a pax romana, mas a tecitura da mútua compreensão e do mútuo respeito, pelas idéias, pelas ações. Nem sempre as suas próprias idéias eram aquelas daqueles por quem tanto se bateu, mas para ele o essencial não estava em buscar prosélitos ou seguidores, mas em respeitar a dignidade humana.

Quimarães Rosa escreveu, que os homens não morrem; encantam-se; ficam encantados. Assim foi Teotônio, que na comemoração dos 70 anos de seu nascimento está tão presente entre nós, como bandeira, como flâmula, como totem, como inspiração permanente a nos guiar pelas sombras e a deixar-nos embriagar pela liberdade!

Como disse Rui Barbosa "o ideal não se define: emerge-se por clareiras que dão para o infinito; o amor abnegado; a fé; o sacrifício pelos interesses superiores da humanidade; a compreensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação, por uma resolução heróica, ou uma aspiração sublime".

Quem mais idealista, pois, do que, o Menestrel das Alagoas! Quem mais, nesses anos sombrios por que passamos, foi tão abnegado no amor; quem mais sacrificou-se sacrificando a própria vida, pelos interesses de uma parcela da humanidade; quem mais se alheou da sua própria individualidade para melhor servir; quem foi maior, elevando-se e agigantando-se por uma resolução heróica ou por uma aspiração sublime?

Sentimo-lo tão perto de nós. Ainda o vemos, as mãos em concha, libertando para o seu vó suave a pomba branca que simboliza a paz, porque encantado como está, a morte não o destruiu, transformou-o apenas; não o separou de nós; ao contrário, fez-lo mais próximo de nossos olhos, que o vêem enternecidos, e de nossos corações de brasileiros, que batem, uníssonos, clamando por liberdade, paz e justiça social. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Concedo a palavra ao nobre Senador Divaldo Suruagy, que falará em nome do Senado Federal.

O SR. DIVALDO SURUAGY (PFL — AL. Pronuncia o seguinte discurso.) — Exm^o Senador Humberto Lucena, Presidente do Congresso Nacional; Exm^o Deputado Ulysses Guimarães, Presidente da Câmara dos Deputados e da Assembléia Nacional Constituinte; Exm^o Ministro Luiz Raphael Maia, Presidente do Supremo Tribunal Federal; Exm^o Srs. Senadores Odacir Soares e Wilson Martins, que compõem a Mesa; Exm^o Sr. Ministro da Justiça Paulo Brossard; Exm^o Srs. Congressistas; Exm^o Sr. Governador Pedro Simon, do Estado do Rio Grande do Sul; Exm^o Sr. Ministro

do Planejamento, demais autoridades aqui presentes; minhas Sras., meus Srs.;

Fácil a tarefa e muito grata ao nosso coração esta que o Congresso Nacional me concede de falar, em nome do Senado da República e em nome do Partido da Frente Liberal, sobre Teotônio Vilela.

Fácil, repito, sem temeridade, porque o valor intelectual não precisa de muitas palavras para se tornar conhecido, e Teotônio já constitui uma apresentação constante pelo fascínio de sua personalidade.

Conhecer Teotônio, haver vivido a sua amizade, ouvido as suas conversas, sentido a sua bondade e aprendido de sua inteligência são fatos que desejávamos ver sempre repelidos, como se estivéssemos com aquela sensação ingrata do momento feliz que se finda.

Aproveitemos a oportunidade honrosa para extravasar um pouco de nossos sentimentos, tantas vezes retidos e comedidos na política, para dizer o que pensamos sobre o Teotônio, sobre a amizade que nos uniu e sobre uma personalidade que, antes de mais nada, era inteiriça, sempre a mesma nas situações e nos momentos os mais diversos e os mais díspares.

As andanças de um liberal na pregação permanente da liberdade se perdem nos horizontes longínquos de seus bem vividos, total e integralmente vividos sessenta e cinco anos.

Boiadeiro, comprando e tangendo gado dos sertões da Bahia e de Sergipe, ao lado de seu companheiro e amigo, o Capitão Gê, seu tio Getúlio Brandão Vilela; corredor de mourão, montado no cavalo "escravo"; o elegante frequentador do antigo Cassino da Urca; o senhor de engenho que resolveu fazer a Usina Boa Sorte, e, hoje, a Usina Seresta; o político de tantas e lamenhas destemidas atitudes; o estudante de tantas façanhas no Recife, na Bahia, no Rio de Janeiro e que não conseguiu diploma algum fugindo do enquadramento de uma prolição; o irmão de nove irmãos, o pai de sete filhos, o grande Senador da República, tudo isso desborda menos de uma inteligência privilegiada e fulgurante do que da bondade, a toda prova, do coração do Teotônio.

As Andanças pela Crônica, seu primeiro livro, impresso em 1963, são as mesmas Andanças de um Liberal que polarizaram o Brasil inteiro, caminhando o Teotônio pelas mesmas estradas e pelas mesmas veredas, com a mesma ansiedade, a mesma disposição, como se estivesse encurado à procura de um boi bravo nas capoeiras do Engenho Mata Verde.

Não sabemos como se pode possuir tanta inteireza, ser tão inteiriço, tão homogeneidade dentro de uma congênita heterogeneidade.

Lembro-me, certa feita, que alguém o chamou de Senador "rústico".

A resposta de Teotônio é tão lúcida e tão página literária que não podemos nos furtar de citá-la nesta hora, como uma das melhores homenagens que poderíamos prestar ao seu passado:

"Mas o que me deixou confuso foi ser agraciado como "Senador rústico" — pretendendo a expressão ferir-me de algum modo. Ilusão perdida. Ser rústico, para mim, é uma honra. Nasci e me crei entre um curral e uma touceira de cana; guardo carinhosa-

mente comigo a lembrança do mugido das vacas inquietas na madrugada, que, de úberes cheios, chamavam insistentemente os bezerros retidos, presos; e guardo também comigo o coro iluminado e vigoroso da sapatia alegre nas bocas-de-noite dos canaviais encharcados de chuva. Sou realmente um rústico — continuo a trabalhar no campo, na lavoura e na indústria; sei manter diálogo mais inteligível com os animais do que mesmo com certa gente que sabe ler; e estimo especialmente um cavalo castanho de estrela na testa, pelo de rato e crinas esgarçadas. Pelo lado de graduação social, sou mesmo um rústico — sem diploma de doutor, sem ambiência sofisticada, sem pretensões duvidosas. Mas não tão "rústico", no sentido da pretendida ofensa, que a rusticidade me impedisse de entender piedosamente a empáfia de lantos que, infelizmente, reinam nos arraiais do que aqui se diz. Rústico, sim, mas não tanto quanto deverá ser por minhas confessadas raízes rurais e a presunção urbana goslaria que fosse."

Este Senador rústico viveu neste Brasil, nos mais distantes pontos deste País, quase como uma onipresença.

Se esta realidade é dele, a honra é de Alagoas e da classe política, porque ele é um dos nossos, nascido, criado e vivido na Viçosa, onde Elias Brandão Vilela, seu pai, plantou a semente e viu que a árvore deu frutos bons, para que depois, Quinteila Cavalcanti, o mestre e o advogado, sentisse no genro aquele complemento de coragem pessoal e de bravura cívica, num dos momentos mais críticos da História das Alagoas.

Teotônio sempre foi a melhor expressão de alguém presente, mesmo que a chamada na sala de aula da vida tenha esquecido o seu nome.

As andanças de um liberal na pregação da liberdade fizeram de Teotônio o arauto e o precursor, uma espécie de Frei Damião da democracia.

E isto ele soube fazer sem entrar na linha de um anti-Brasil, na esteira de uma contestação muito simples e muito fácil para quem ou não tem capacidade de pensar ou tem preguiça de o fazer.

Ser oposição é um dever; ser contestação, a nosso ver, é o radicalismo que nada constrói.

A grande diferença entre oposição e contestação, bem sabemos, é a de que a oposição reconhece a existência do fato histórico e, através de críticas e sugestões, tenta reformulá-lo.

Já a contestação não reconhece a existência daquele acontecimento, não lhe concedendo, portanto, qualquer legitimidade.

Foram necessárias, meu caro Teotônio, a solidão e a ausência de apares em seus primeiros discursos no Senado para que a Nação brasileira despertasse e o povo aclamasse você como uma das expressões maiores do pensamento político brasileiro.

Chegamos a pensar que muito bem se houve a Providência de Deus em ter consentido que o seu impetuoso sentimento de liberdade não lhe tenha dado qualquer diploma, mesmo tendo cursado a Escola Militar e as Faculdades de Engenharia e Direito.

Deus lhe deu o diploma da vida, onde o sinete de formatura se traduz pela clarividência de seu

raciocínio, pela versatilidade de sua cultura e pela bondade de seu coração.

Podemos dizer que os lampejos do gênio tocam as fimbrias de sua personalidade, sem lhe estar fazendo elogio algum, mas tentando, apenas, interpretar uma realidade.

Seus discursos foram verdadeiras aulas de Direito Constitucional e de sabedoria política, de par com uma excelente forma literária, cujas páginas dignificariam qualquer antologia nacional.

Ouçamos esta página do **Roteiro da Esperança**:

"A luta parece fácil a quem dela não participa e principalmente no teatro, onde mais se efetiva, que é, sem dúvida, o tablado político da vida parlamentar. Diz o velho provérbio popular que "quem geme é quem sente a dor". Sentimo-la, fundo, desde as raízes do amor às idéias do roteiro político desenhado; desde as promessas solenes às solenidades da mais nua contradição; desde o trato bem-intencionado ao desentendimento súbito; desde a afirmação retilínea às ambigüidades lamentáveis; desde a aparência iníqua de desejar ao rompante grave de nunca ter desejado. Não é fácil chegar a alguma parte quando os indícios sempre conduzem a parte alguma. É uma missão de sonhos e pesadelos. Caminha-se de olhos vendados, sem saber para onde e muito menos a quem se dirigir. Mas é preciso caminhar, sobretudo para quem nasce com a sina de encontrar na vida a alma das coisas e nas coisas a grandeza da própria alma. Se caminhamos não é por romantismo ou por falta de ter o que fazer; é porque somos democratas convictos e professores."

Salta aos olhos do leitor atento de seus trabalhos que o seu pensamento é o evoluir constante de uma idéia, repetida e sempre acrescida de uma nova e invulgar contribuição.

Teotônio é desses escritores que não podem ser lidos com a impunidade e a indiferença do leitor dilettante. Ao lê-lo, estamos logo do seu lado, como se fôssemos tocados por um novo despertar de vida que brota da magia, do encanto e da profundidade de suas palavras e de suas idéias.

A sua palavra operou uma salutar mobilização nacional e este consenso, que hoje vemos, pela volta ao pleno estado do direito lhe é creditado pela quase totalidade do povo brasileiro. E, diante disso, ficamos a pensar qual seria o mandato que o povo brasileiro lhe conferiria numa campanha de âmbito nacional.

Respiando textos, o que é realmente difícil, pois os seus discursos constituem peças inteiriças, não sabemos o que mais admirar, se a maneira exata de dizer as coisas ou se a forma literariamente limpa ou se a idéia filosófica e sociologicamente perfeita.

Teotônio era uma figura singular. Encontramos múltiplas facetas em sua personalidade: empresário; político; jornalista; orador; cronista. Em todas elas é um modelo, é um exemplo. Como empresário implantou um complexo industrial que modificou a paisagem e a economia do município de Junqueiro — lá em Alagoas. Provou aos descrentes que além de intelectual era também um homem de senso prático. O jornalista, o cro-

nista, enfim, o escritor, é aquele que pode rivalizar-se com os mestres da crônica no Brasil. Encontramos nos seus escritos a leveza, a graça, a ironia fina, o estilo superior dos que nasceram para a atividade literária, como Drummond, Rubem Braga, Fernando Sabino, Artur da Távola, Paulo Mendes Campos. A crônica, **BILHETE DE AMOR**, que fez à sua esposa quando comemoraram bodas de prata é um testemunho do que afirmou:

"Lenita: Dizem que a alma do negócio é o segredo. O amor, que é único negócio sublime da vida, requer também certos sigilos que pertencem exclusivamente à intimidade do ser. Julgo que o amor que grita não é propriamente o verdadeiro, porque se assim procede é que não encontra recursos em sua essência para conter-se nos limites de sua própria grandeza. Acontece que hoje completamos vinte e cinco anos de casados e eu quero lhe pedir licença para entoar publicamente este madrigal em prosa, louvando o nosso amor — esse nosso grande amor feito de todas as formas de amar. O presente comprado é uma espécie de procuração do afeto; a dádiva que se cria, por mais pobre ou simples, é o próprio afeto que se oferta. Primário artesão da crônica, é nela que desejo pôr o testemunho solene do meu amor, que se fez de tanto amar todas as formas de amor."

Louvado seja esse amor, que se fez de tanto amar todas as formas de amor. O amor que é complexo vivencial, que ri e chora com as coisas que nos cercam, acionado por um imperscrutável sentimento de solidariedade comum aos dois; que não é um objeto à parte da vida, cuidado e zelado acima e fora do esforço convencional de viver, mas o ingrediente principal desse esforço — que lhe dá ânimo para sair da rotina cansada e comportar-se cada dia como um privilégio renovado. Amor que é carícia e é labor, regalo e angústia, sonho e realidade. O que se confunde com as ansias e as decepções, com o sublime e o prosaico. O que se conforma com o possível e o impossível; o que reassurge cada manhã aberto a todos os impoderáveis; o que adormece no calor do entendimento mútuo sobre os havidos e acontecidos do dia. Louvado seja esse amor!

Hoje, principalmente, hoje, dez de julho, canto alto a necessidade de amar, o amar que principia nos olhos onde o espírito e a carne se espelham, segundo os antigos. Pois foi nessa fonte que bebemos a primeira água do amor. E ele começou a crescer, como as rarnas silvestres, por onde quer que encontrasse amparo, mínimo amparo, para subir. Há vinte e cinco anos que sobe, se expande, se fortalece. E como acho que amor é um mistério feito de força e fé, rendo graças a Deus e a você pela força e pela fé que construíram o nosso lar. Se eu pudesse ser mais sincero ainda, pediria que revelasse as minhas imperfeições, arestas congênicas que o universo do homem dificilmente consegue aparar em definitivo, embora lute, como é do seu dever, para atenuá-las. Dito isto, Lenita, louvado seja o nosso amor, que se fez de amar todas as formas de amor."

Teotônio foi o político que lidou com as idéias. Defendeu princípios e não interesses. Raciocinou em função do todo. Dificilmente, do indivíduo. Foi sempre eleito (e não negava) pelos companheiros dominados pela sua inteligência e orgulhosos de sua capacidade. Deputado Estadual, vice-governador e senador da República em dois mandatos não possuiu um cabo eleitoral; entretanto, teve um exército a lutar por ele e a conduzi-lo à vitória, porque as suas vitórias foram conquistadas do que Alagoas tem de mais representativo no campo do abstracionismo: cultura e bondade.

Teotônio foi um homem sem fronteiras. Amplo. Destituído de mesquinha. Embora possa parecer uma incongruência, era, sob certos aspectos, um ingênuo. Não possuía a malícia política. A exemplo do que ocorre com a maioria dos intelectuais, era um lírico. Só que, dotado, também, de espírito empresarial, não pregava apenas a correção de desníveis sociais: punha em prática, através do seu trabalho, as medidas de melhoria do padrão de vida do trabalhador, oferecendo aquele "algo mais" além do que as leis previdenciárias e assistenciais determinam. Oferecia consideração. Oferecia respeito humano. Oferecia solidariedade nos momentos de dor. Oferecia compreensão. O convívio com ele gerava amizade ou, na pior das hipóteses, companheirismo. Indole boa, era incapaz de, conscientemente, fazer mal a alguém.

Escritor, empresário, político, poeta, agricultor, sociólogo, chefe de família exemplar (adorado pela esposa e pelos filhos), noctívago (capaz de encontrar-se com a madrugada discutindo literatura com amigos), industrial que pensava mais no bem-estar dos seus companheiros de trabalho do que na obtenção de lucros fabulosos, valente, ao ponto de enfrentar profissionais do crime, amante da beleza, sofria com o fenecimento de uma rosa. Teotônio Vilela conseguiu estar toda uma gama de defeitos e de virtudes numa personalidade única. Sendo plural, tomou-se singular. Era um homem sem margens. Era um homem oceano.

Ao ler "Pregação da Liberdade", lembrei-me dos artigos e discursos de Tavares Bastos. Teotônio, dentro da classe política alagoana, é quem mais se aproxima, em termos de cultura, daquele que é o Patrono do Poder Legislativo em nosso Estado.

A sua defesa intransigente do liberalismo, como única forma de viver e do conviver político, fruto mesmo de nossas tradições culturais, chega a arrancar do íntimo de nossa leitura aquele aplauso amplo, como se estivéssemos abraçando o nosso irmão maior.

Quando lemos palavras deste porte em seu magnífico "Roteiro da Esperança":

"Para onde vamos? Em que mundo e em que nuvens podemos nos esconder fora do liberalismo? Nele é que está a nossa formação política, nele é que estão os nossos líderes maiores e os nossos mártires, as idéias sublimes e as lutas heróicas, todo o esforço do passado e toda a aspiração do futuro."

Quando lemos essas e outras de suas palavras inspiradas, é como se rebentasse no remanso do rio silencioso da nossa reflexão um caudal imenso de orgulho e de alegria; é como se estives-

semos revendo nos olhos de sua saudade a satisfação e a recompensa, ligeiramente esboçadas no discreto sorriso do Capitão Sinhô e nas lágrimas felizes de Dona Bilinha.

Gostaríamos de dividir com Dona Lenita Quintella Brandão as glórias e as alegrias de sua vida, uma mulher de mãos abençoadas que foi a inspiração permanente de toda a sua vida, aquele ponto de apoio e de referência em todas as suas andanças.

Esta mulher, mãe de sete filhos, inteligente e simples, colecionadora diligente e amorosa de todas as suas crônicas, de todos os seus escritos.

A esta mulher, a nossa homenagem maior, de par com um profundo respeito e uma grande admiração.

Esta mulher, presença continuada em sua vida de um amar com todas as formas de amor, é também, por excelência, a grande homenageada de hoje.

Teotônio Vilela reuniu em sua maneira de ser o que Alagoas tem de melhor e tomou-se orgulho da política brasileira.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) —

Pelo aspecto especial de que se reveste, a Presidência registra a presença, para que conste dos nossos Anais, nesta solenidade de homenagem à memória de Teotônio Vilela, do Sr. Ministro da Justiça, Paulo Brossard, do Sr. Governador do Rio Grande do Sul Pedro Simon e da cantora Fafá de Belém.

Concedo a palavra ao nobre Senador Teotônio Vilela Filho.

O SR. TEOTÔNIO VILELA FILHO (PMDB

— AL. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente do Senado Federal, Senador Humberto Lucena; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados e da Assembleia Nacional Constituinte, Dr. Ulysses Guimarães; Sr. Ministro da Justiça, Paulo Brossard; Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Rafael Mayer; Sr. Governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, irmão de Teotônio; Sr. Vice-Governador de Alagoas, Moacir Andrade; Sr. Senador Fernando Henrique Cardoso, meu Líder no Senado Federal; Sr. Senador Mário Covas, meu Líder na Assembleia Nacional Constituinte; meu irmão José Apriço; meu irmão Henfil, que ali está, Srs. Congressistas; minhas Srs. e meus Srs:

Mais do que a emoção de um gesto, essa homenagem ganha a força de um símbolo. O Congresso Nacional e a Assembleia Constituinte não cultuam hoje apenas uma memória — reverenciam sobretudo uma luta e uma bandeira, a bandeira e a luta de Teotônio Vilela por um Brasil mais livre e socialmente mais justo.

O que vemos nessa homenagem é o comprometimento da Constituinte com o grito de liberdade do velho Teotônio, que ecoou nas grades dos Cárceres políticos, minando o obscurantismo e a intolerância, e plantando em todas as consciências a esperança da anistia. O que vemos nessa homenagem é a solidariedade aos trabalhadores de todos os ABCs desse Brasil, oprimidos em seus direitos, massacrados em suas reivindicações, quando pedem apenas um salário real e justo.

Ecoamos com essa homenagem a ira santa do menestrel das Alagoas, que sacudiu esse País de norte a sul, com seu inconfundível e heróico grito de guerra: resgatar para o Brasil a dignidade e a soberania hipotecada aos credores externos e internos, e resgatar para o povo brasileiro a justiça dos direitos sociais e das liberdades políticas.

A tradução dessa homenagem, para nós, é o reconhecimento à sensibilidade do velho Teotônio em detectar os anseios da Nação e a coragem cívica de proclamá-los e defendê-los. Não hesitou, para isso, em enfrentar o poder e se confrontar com os poderosos da época. Entre o fisiologismo do poder e à solidariedade com a Nação, Teotônio soube ficar com o povo. Entre a força do Estado e a fraqueza aparente da sociedade, ele soube juntar sua voz ao clamor dos oprimidos. E com o gesto de coragem, deixou para o partido e para os políticos uma lição de contínua atualidade. Não é a proximidade do poder que engrandece o político — mas sua fidelidade ao povo, de quem é apenas mandatário. O poder não pode ser confundido com uma mesquinha ação entre amigos. Ele só se legitima enquanto exercício voltado para a promoção do bem comum e do bem-estar social.

O desafio de ontem é fundamentalmente o questionamento de hoje. Os clamores que Teotônio ouviu nas ruas do ABC e nas praças do Brasil inteiro são, infelizmente, os mesmos que hoje ainda se levantam em todos os rincões desse País.

A dívida social é hoje tão esmagadora quanto antes — ela cresce dia a dia, em débito incessante para com a maioria do povo brasileiro, a despeito da retórica do assistencialismo oficial. Nossos índices de mortalidade infantil são ainda um recorde criminoso, sobretudo no Nordeste. Nossa esperança de vida, para os nordestinos, é inferior à da Europa de meados do século passado. Cresce o déficit habitacional, os salários se achatam crescentemente, com o confisco de reposições insuficientes, e o salário mínimo se consolida a cada dia como uma das mais infamantes vergonhas nacionais.

A asfixia da dívida externa aperta e estreita o garrote aplicado à economia e à vida nacional. Já hipotecaram aos banqueiros a dignidade e a soberania do País. Já lhes entregaram três anos de desemprego e recessão, do sacrifício de nosso desenvolvimento e de nosso bem-estar. Pagaram juros com a fome de nossos filhos e com o comprometimento do futuro dos nossos netos. Quase tudo já entregaram. Encenam, agora, o episódio de uma moratória envergonhada, que não passou, na verdade, de um mero acidente contábil. O Brasil ainda espera um passo que seja para aprofundar e viabilizar a moratória de fevereiro. A Nação ainda aguarda curiosa uma atitude que seja para dar consequência prática à retórica oficial de que não pagaremos a dívida com a fome e o sacrifício dos brasileiros. Para merecer o respeito do povo, a moratória técnica e contábil terá que assumir sua dimensão política de que a dívida é impagável por motivos éticos, e mais do que um acordo financeiro de banqueiros, exige uma renegociação política entre credores e devedores.

A dívida interna, como no Brasil de Teotônio, cresce agora como incontrolável bola de neve. Vemos, com preocupação, o receituário ortodoxo da economia prescrever hoje, como no passado,

meros cortes do déficit público como remédio para a espiral inflacionária. Fala-se agora, como antes, no corte linear de gastos do Governo, mas não se dedica uma palavra sequer ao nó da dívida interna. Esquece-se, hoje, que a origem da dívida, tal como o PMDB pregou desde seus princípios, é sobretudo financeira: de pouco ou de nada adiantará cortar todos os gastos do setor público, se não houver uma solução corajosa para a dívida interna. Já não é o déficit que gera a dívida, como o foi no princípio. É hoje a dívida que aumenta o déficit, exigindo uma solução política e não apenas um tratamento bancário de contabilização contínua de juros crescentes.

A dívida política, de que falava Teotônio, ainda persiste no Brasil de hoje, apesar dos avanços institucionais inegáveis. A democracia que temos é sobretudo a democracia formal das eleições e do funcionamento regular das instituições. Falta-nos, ainda, a democracia da efetiva participação popular, a democracia do controle social sobre as estruturas do Estado, e da defesa do cidadão contra o arbítrio do Poder. Falta-nos, sobretudo, a democracia econômica e social de uma distribuição mais justa da riqueza nacional. E jamais seremos uma democracia enquanto persistirmos como País dividido entre uma elite de privilegiados e uma multidão de miseráveis, tratados como subcidadãos de segunda categoria.

Sr. Presidente, é expressivo que essa homenagem a Teotônio seja prestada pelo Congresso e Assembleia Nacional Constituinte — um dos sonhos maiores do velho Senador e uma das esperanças de que o futuro esteja de fato começando, plantado consistentemente numa nova base jurídica e institucional. A Constituinte que hoje temos reescreve o futuro e redesenha o próprio presente. Esta Constituinte sonhada por Teotônio pode hoje completar os sonhos que o menestrel apenas acalentou, sem poder vê-los concretizados.

Não temos hoje, como nos anos 70 de Teotônio, delitos de opinião a espera da anistia política. Mas temos milhões de brasileiros desempregados e subempregados, à espera da anistia econômica que os integre, de fato, a sociedade. É hora, então de lutar pela anistia econômica para esses marginalizados do trabalho, para os analfabetos e os favelados das cidades e do campo; anistia econômica para os trabalhadores rurais sem terra, para os pobres sem vez e para os negros sem voz.

Não permitamos agora, senhores, que esta Constituinte sonhada por toda uma geração, tecida com a esperança e a fé de milhões de brasileiros, se restrinja e se esgote nas garantias puramente individuais do cidadão. Temos que entender, como Teotônio em seu tempo, o apelo da pátria e o desafio da História. A Constituição que estamos escrevendo está fadada a ser a Carta dos direitos sociais — direito ao trabalho e à habitação, do direito à saúde e à educação, do direito à igualdade de oportunidade e do direito elemen-

tar à própria vida. Ou teremos conquistas e avanços sociais efetivos, ou esta Constituição já nascerá velha, tão antiga quanto a Carta de 46, distanciada do Brasil real, defasada de suas necessidades e aspirações.

Não permitamos, senhores, que os votos da mudança, que consubstanciaram, em novembro, a maior revolução eleitoral da História Moderna do Brasil, sejam reduzidos a um simples episódio e a uma mera vitória eleitoral. Os votos de novembro foram votos de mudança e exigem um desdobramento político que possa de fato promover nesse País as reformas exigidas pela Nação brasileira.

Esse, meus Senhores, o sentido que entendemos nessa festa de aniversário que juntos fazemos para o velho Teotônio. Ele não está entre nós — mas sua presença é cada vez mais sentida na consciência nacional de que, mais do que nunca, é preciso mudar. Mudar para reconciliar o Estado com a Nação; mudar para promover reformas inadiáveis como a prometida e esperada reforma agrária, inviabilizada pelas leis, pela prática burocrática e pela indefinição política. Mudar, enfim, para enfrentar as dívidas internas e externas, para registrar as dívidas social e política — dívidas de honra e de justiça que o Estado contraiu com os cidadãos deste País.

Como familiar, agradecemos, comovido, a homenagem ao pai e, sobretudo, ao amigo, generoso como só os grandes o sabem ser. Como Constituinte e como cidadão, sentimos-nos esperançoso e confiante de que a mensagem de Teotônio volte a ecoar deste Parlamento onde sempre se entrincheirou até as ruas de onde jamais saiu, levando a todos os pedaços deste País o mesmo grito de guerra contra a injustiça e contra a opressão. O Senador Teotônio não pertenceu apenas a sua família. Sua bandeira e sua causa eram muito grandes para se tomarem patrimônio de uma só família ou de uma só geração. Essas bandeiras que ele teve a lucidez e a coragem de desfraldar resistem aos tempos e aos homens, porque sequer pertencem aos países, são de toda a humanidade. Por isso estamos aqui, numa festa de aniversário de um Teotônio ainda vivo. Ele é eterno em sua ira santa contra o poder e os poderosos, a favor dos humildes e dos oprimidos. Ele é eterno em seu grito de justiça. Ele é eterno em seu canto de esperança.

Muito obrigado. (Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Exm^o Sr. Deputado Ulysses Guimarães, Presidente da Assembleia Nacional Constituinte e da Câmara dos Deputados, Exm^o Sr. Ministro Luiz Rafael Mayer, Presidente do Supremo Tribunal Federal, que nos honra com a sua presença, Srs. Ministros, Srs. Governadores, demais autoridades, Sr^o e Srs. Congressistas, meus Srs. minhas Sr^{as}

A homenagem que o Congresso Nacional acaba de prestar à memória desse grande patriota, que foi Teotônio Vilela, reflete o sentimento de gratidão do povo brasileiro àquele que teve a coragem de dissentir do regime autoritário e levantar a bandeira da reação democrática e iluminar os caminhos para a restauração da dignidade nacional.

Não sei — e, provavelmente, poucos sabem — o que mais resplandecia na personalidade desse grande brasileiro. Na verdade, em Teotônio Vilela se conjugavam harmoniosamente as virtudes do orador prodigioso, portador de uma eloquência contagiante e de uma clareza cartesiana, e a exuberância de uma grande cultura humanística, na reflexão sobre os problemas nacionais e no exercício obstinado do mandato popular. Ao mesmo tempo, exibia uma bravura cívica e moral como poucos puderam fazê-lo nos conturbados e traumatizantes episódios que assinalaram, na crueza de suas manifestações totalitárias, a experiência dolorosa do antigo regime.

Defensor intransigente dos direitos humanos, ainda posso vê-lo na sua peregrinação pelos subterrâneos da diladura, levando o seu conforto pessoal àqueles que, por sonharem com um país livre e fraternalmente democrático, foram recolhidos aos cárceres políticos. Estou certo de que sua atuação, naqueles instantes críticos da vida nacional, desencorajou outras violências contra os direitos fundamentais dos cidadãos.

A figura de Teotônio Vilela avulta, ainda, entre as lideranças políticas que, muito antes da campanha civilista em favor das eleições diretas — que nele encontrou um dos mais ativos propagandistas —, já clamavam pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte para restaurar as instituições democráticas e recolocar o poder civil entre as conquistas impostergáveis da República.

Peço aos familiares de Teotônio Vilela aqui presentes, o seu filho ilustre, Teotônio Vilela Filho, o seu irmão José Aprígio Vilela, além de Pedro Simon, Henfil, Nísio Tostes e Fafá de Belém, seus amigos diletos, que recolham, também, a minha homenagem pessoal a esse eminente brasileiro, e a expressão de irrestrita solidariedade — em nome da Mesa do Congresso Nacional — ao preito que acaba de se prestar à sua memória em nome de todos os brasileiros. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Humberto Lucena) — Ao encerrar a sessão, a Presidência agradece a presença das autoridades civis, militares, diplomáticas e eclesiásticas, convidando-as para o lançamento do livro "Tributo a Teotônio", no salão nobre do Senado Federal.

Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 11 horas e 31 minutos).